

NO ENCANTADO – A casa era um cárcere fundamentalista. Nela, quatro mulheres, saias compridas, rosto lavado, fala contida. A Rádio Vera Cruz, emissora da Arquidiocese. O terço, a novena. O grande quintal em declive, impenetrável na densidade do mato que ninguém cortava - não admitiam homens ali; uma floresta de tamarindeiras cheias de favas que, eu, criança, nas poucas vezes em que lá fui, catava no chão.

Passaram-se anos.

Nunca fora admitido antes em tal intimidade da casa suburbana.

La estavam duas mulheres.

Uma, centenária, deitada na cama junto à parede, vestido preto, gola de renda, rosário enrolado entre aos dedos. Alta, magra, impossível imaginar que pudesse sorrir.

Outra, visita, numa cadeira posta ao lado: meia idade, morena, baixinha, rechonchuda.

A mais velha a chama pelo nome, e confirma:

– És tu?

Respira.

– Não mereces o filho que tens. Eu te maldiçoo.

Fecha os olhos. Cobrem-lhe o rosto.

No filme, na novela de TV, haveria lágrimas, explicações.

Na real, levantamos e fomos embora.

As coisas mais sérias são ditas em silêncio.

Não conheço o passado dessa história.